

# **AValiação DA APRENDIZAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA: entre “silêncios de” e “desafios para” um campo de pesquisa**

Marcus Leonardo Bomfim Martins\*

**RESUMO:** Este artigo parte do pressuposto que o Ensino de História consolida-se na contemporaneidade como campo específico de produção de conhecimento sobre os múltiplos processos relacionados ao ensino escolar da História. A proposta deste texto é, pois, explorar um desses processos: a avaliação da aprendizagem. Nesse sentido, o objetivo é resumir se e como a avaliação das aprendizagens históricas tem sido problematizada nesse campo. Ao pesquisar no Banco de Teses e Dissertações da Capes (Banco da Capes) e os anais da Associação Nacional de História (ANPUH), do Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (Perspectivas EH) e do Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH), constata-se que apesar do caráter incontornável da avaliação nos processos escolares, no campo do Ensino de História essa discussão não tem assumido lugar de relevância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Avaliação; Aprendizagem histórica; Ensino de história; Campo de pesquisa.

## **Learning assessment in the History teaching: between “silences of” and “challenges for” a research field**

**ABSTRACT:** This paper problematizes that the History teaching has been consolidated in the contemporaneity as a specific field of knowledge production about the multiple processes related to the scholastic education of History. The proposal of this text, therefore, is to exploit one of these processes: the learning assessment. For that reason, the aim is to summarize ‘if’ and ‘how’ the evaluation of historical learnings has been problematized in this field. By the time I researched in the Banco de Teses e Dissertações da Capes (Capes profiles) and in the annals of the Associação Nacional de História (ANPUH), also in the Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História (Perspectivas EH) and Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH), it was observed that, although the indispensable condition of the assessment in the scholastic processes, in the History teaching field this discussion has not being legitimated in a relevant position.

**KEYWORDS:** Evaluation; Historical learning; History teaching; Research field.

## **Evaluación del aprendizaje en la Enseñanza de Historia: entre “silencios de” y “desafíos para” un campo de investigación**

**RESUMEN:** Este artículo parte del presupuesto de que la Enseñanza de Historia se consolida en la contemporaneidad como campo específico de producción de conocimiento sobre los múltiples procesos relacionados a la enseñanza escolar de Historia. La propuesta de este texto es, por lo tanto, explorar uno de esos procesos: la evaluación del aprendizaje. En ese sentido, el objetivo es resumir si y cómo la evaluación de los aprendizajes históricos ha sido problematizada en ese campo. Al investigar en el *Banco da Capes* [por sus siglas en portugués, banco de tesis y disertaciones del Capes] y en los anales de *ANPUH* [por sus siglas en portugués, Asociación Nacional de Historia], de *Perspectivas EH* [por sus siglas en portugués, perspectivas sobre la Enseñanza de Historia] y de *ENPEH* [por sus siglas en portugués, Encuentro Nacional de Investigadores de Enseñanza de Historia], se constata que a pesar del carácter ineludible de la evaluación y los procesos escolares, en el campo de la Enseñanza de Historia esa discusión no ha asumido un lugar relevante.

**PALABRAS CLAVE:** evaluación; aprendizaje histórico; enseñanza de historia; campo de investigación.

\*Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: Rua José Lourenço Kelmer, S/N, São Pedro, CEP: 36036330, Juiz de Fora-MG, Brasil. E-mail: marcus.bomfim@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3369-9260>.

*É lá no porão que estão as raízes e a sustentação racional da própria casa<sup>1</sup>*

Em *É preciso ir aos porões*, Alfredo Veiga-Neto faz um exercício metafórico de pensar a casa, desde o porão, passando pelo piso intermediário, até o sótão, como “nosso lugar no mundo”, mundo este que já existia antes de nós chegarmos e que nos modifica e se modifica quando da nossa presença. Visitar os porões significa, na perspectiva do autor, ir “onde se enraízam os pensamentos”<sup>2</sup>, o que exige que se adentre nesse lugar para “escrutiná-lo o mais cuidadosa e intensamente possível”, pois “sem sabermos que são construções contingentes, tomamos como verdades necessárias”<sup>3</sup>.

Tomando emprestado desse autor essa metáfora, considero que o necessário movimento de conhecimento e problematização do que já foi produzido sobre as temáticas relacionadas a qualquer objeto de pesquisa seja como descer aos porões, pois é de lá que se podem lançar as primeiras reflexões. E é essa a proposta desse texto: descer aos porões do Ensino de História em busca das construções contingentes que informam sobre pesquisas com a temática da *avaliação* nesse campo. No entanto, nos limites desse texto, importa menos sublinhar uma linguagem de denúncias, do que apresentar desafios a serem enfrentados pela comunidade disciplinar<sup>4</sup> que se constitui em torno História escolar.

A escolha da avaliação como eixo de problematização para a escrita desse texto parte do entendimento de que esse instrumento didático/pedagógico/curricular atua no sentido de validar conhecimentos e formas de se relacionar com eles, atuando, pois, nos processos de objetivação e subjetivação que atravessam as relações de ensino-aprendizagem. Além disso, “governos, políticos, escolas, gestores escolares, professores, pais e alunos estão todos interessados na avaliação, precisam dela ou utilizam-na, mais ou menos sistematicamente, de diversas formas”<sup>5</sup>. Sendo assim, é pertinente se esperar que um campo de pesquisas que se dedica a estudar e produzir conhecimentos científicos sobre questões relacionadas à História ensinada debruce-se sobre esse elemento incontornável dos processos de escolarização e que produz efeitos sobre o que é legítimo ou não de ser ensinado e aprendido nas aulas dessa disciplina na educação básica.

Com efeito, é preciso escolher também que porões visitar, e como fazê-lo. Sendo assim, dividi essa etapa em dois blocos em função dos limites de busca em cada plataforma, bem como da articulação entre os descritores buscados e o recorte cronológico privilegiado. O primeiro diz respeito ao Banco de Teses e Dissertações da Capes (Banco da Capes) - reconhecido espaço de acesso a informações sobre produções acadêmicas em níveis de

mestrado e doutorado fornecidos diretamente pelos programas de pós-graduação em atividade no Brasil. O segundo corresponde ao conjunto de artigos obtidos de eventos acadêmicos do Ensino de História.

Essa divisão me permitiu fazer um movimento espelhado. No primeiro bloco, por ter acesso a informações detalhadas dos estudos obtidos no processo de busca, optei por fazer um movimento a partir do campo semântico da *aprendizagem histórica* refinando a busca até chegar ao campo semântico da avaliação. No Banco da Capes disponibilizado o texto completo, sobre as produções realizadas a partir de 2013, no entanto, nos resultados da busca, aparecem também títulos, o ano e o programa das produções realizadas entre 1987 e 2012, sem, contudo, maior detalhamento. Ressalta-se que a busca se dá por meio da indicação de um ou mais descritores em campo específico e que o sistema procurará por esse(s) significante(s) no título, no resumo e nas palavras-chave. Basta aparecer em um desses espaços para que a produção apareça na lista.

No segundo bloco, em função da restrição da busca por significantes apenas a partir do título, priorizei os descritores ligados ao campo da Avaliação, deixando a busca pela articulação com a temática da aprendizagem histórica para leitura posterior das obras identificadas a partir dos processos de busca. Nessa parte, as plataformas de busca foram os anais dos Simpósios Nacionais da Associação Nacional de História (ANPUH), dos Encontros Nacionais Perspectivas do Ensino de História (Perspectivas EH), dos Encontros Nacionais dos Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH). Embora fazendo parte do mesmo bloco, para fins de melhor organização, apresentarei os resultados obtidos de forma separada.

Os Simpósios Nacionais da ANPUH são realizados bianualmente e organizados em simpósios temáticos (ST) sobre diversos temas relacionados à História. Destaque-se que não se trata de um evento específico de Ensino de História, mas de História, mas que possibilita a existência de simpósios temáticos relacionados às questões de ensino. Os Encontros Nacionais Perspectivas do Ensino de História (Perspectivas EH) e os Encontros Nacionais dos Pesquisadores do Ensino de História (ENPEH), estão inseridos na fronteira entre História e Educação que caracteriza o Ensino de História (MONTEIRO; PENNA, 2011), constituindo-se, assim, em espaços legitimados de busca sobre o que tem sido pesquisado no âmbito desse campo. No entanto, das edições do ENPEH, apenas a de 2017 fez a divulgação dos anais em formato eletrônico, limitando o escopo de trabalhos ali apresentados. Quanto ao Perspectivas EH, assim como nos eventos da ANPUH, só é possível fazer a busca nos títulos ou nome do autor, não sendo tornando possível, portanto, buscar por termos em campos específicos como

resumo e palavras-chave, por exemplo. Dada à quantidade de edições já realizadas desses eventos, e o interesse em mapear um panorama mais atualizado, restringi as buscas a esta década do século XXI.

### **Banco da Capes**

A consulta a este espaço de sistematização de produções acadêmicas *stricto sensu* em nível nacional apontou não só a pouca presença da avaliação tomada como prática pedagógica em meio às relações de ensino-aprendizagem da História escolar, mas também a ausência de articulação entre Avaliação e Ensino de História<sup>6</sup> tomados enquanto campos de pesquisa, no sentido bourdieiano do termo, para pensar questões relacionadas às aprendizagens históricas.

A escolha dos significantes a serem buscados é de importância decisiva para processo, pois eles tendem a indicar os objetos, campos/áreas/subáreas de conhecimento, empiria, e recorte teórico e/ou metodológico privilegiados na pesquisa. Essa importância reforça também a necessidade, por parte de cada pesquisador, de definir por quais significantes gostaria que sua pesquisa fosse encontrada, implicando no reconhecimento das palavras-chave de uma produção acadêmica como importante espaço político. Esse movimento tem o potencial de indicar as possibilidades de diálogos que a pesquisa pode oferecer, e os campos/áreas/subáreas nas quais ela quer se situar.

Atualmente tem sido possível refinar nas buscas dessa plataforma, as áreas do conhecimento e os programas nos quais os textos acadêmicos são produzidos. Sendo assim, optei por selecionar Educação e História como áreas do conhecimento, e programas de Educação, História e Ensino de História<sup>7</sup> como recorte para todas as buscas realizadas, assim, os resultados aqui mostrados levarão em conta a presença dos significantes procurados em ao menos um dos espaços de coleta (título, palavras-chave e resumo) e considerando as áreas de conhecimento e programas que destaquei.

Como dito anteriormente, elegi o significante *aprendizagem histórica* como o mais amplo para iniciar a pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Foram obtidas 82 produções<sup>8</sup>, sendo 69 dissertações de mestrado e 13 teses de doutorado. Dentre as dissertações, 38 foram defendidas em programas de Ensino de História, 27 foram defendidas em programas de Educação, e apenas seis em programas de História. Em relação às teses de doutorado, todas as 13 foram produzidas em programas de Educação. Ainda que não seja o foco deste artigo, esses dados revelam que as questões relacionadas à História ensinada/aprendida não são objeto de preocupação do campo da História, mas

primordialmente do campo educacional. É importante salientar também que a organização universitária em departamentos e institutos produz implicações para esses resultados que precisam de investigação mais pormenorizada. No entanto, a experiência mostra que as produções na interface entre os campos da História e da Educação, antes da emergência do ProfHistória, situavam-se institucionalmente nos programas de pós-graduação vinculados às faculdades e/ou departamentos de Educação.

Tanto em nível de mestrado como em nível de doutorado a Universidade Federal do Paraná (UFPR) destaca-se como principal lugar de produção de pesquisas sobre aprendizagem histórica. Sua principal marca é a utilização de um referencial teórico-metodológico caracterizado pelas apropriações feitas dos estudos do historiador Jörn Rüsen no âmbito da Didática da História de matriz alemã, e que constituem uma área de estudos chamada de Educação Histórica<sup>9</sup>.

Refinando a busca, decidi acrescentar o significativo *avaliação* anteriormente buscado para identificar trabalhos que pudessem estar trabalhando a questão da aprendizagem histórica por meio da avaliação, ou a avaliação por meio da aprendizagem histórica. Dos 82 trabalhos, apenas cinco apresentavam também o termo *avaliação* no título e/ou palavras-chave e/ou resumo. A Tabela 1 apresenta os textos.

**Tabela 1** - Produções sobre aprendizagem história e avaliação no Banco da Capes

AUTOR	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	M/D	UNIV.	PROGRAMA	ANO
Carlos Gustavo Costa Moreira	Sobre a aprendizagem dos regimes de sentido do tempo histórico escolarizado: parâmetros críticos para o estudo curricular sobre ensino de história para o 6º ano do ensino fundamental	Ensino de História; Currículo de História; Aprendizagem Histórica; Consciência Histórica	M	UFRRJ	Ensino de História	2016
Marcello Gomes de Assunção	Parâmetros para produção e avaliação de livro didático de história – aprendizagem histórica e a lei 10.639/2003	Ensino de História; Aprendizado histórico; Livro Didático; História e Cultura Africana e Afro-brasileira na escola.	M	UFRRJ	Ensino de História	2016

João Luís da Silva Bertolini	Manual didático e as mediações entre cultura histórica e cultura escolar: o caso das narrativas sobre o islã em manuais didáticos brasileiros e portugueses	Narrativa histórica; Manuais didáticos; Educação Histórica; Aprendizagem Histórica; cultura histórica e cultura escolar; Didática da História.	D	UFPR	Educação	2018
Giane de Souza Silva	Educação histórica: os sentidos atribuídos por alunos do 9º ano do ensino fundamental ao conhecimento histórico sobre história local	Consciência histórica; Educação histórica; Ensino de história; Aprendizagem histórica; Narrativa histórica; Temporalidade.	M	UEL	Educação	2014
Anne Cacielle Ferreira da Silva	Manuais de história para o ensino fundamental: a presença de fontes legais relacionadas à escravidão no Brasil	Ensino de História; PNLD; Manuais didáticos; Fontes históricas; Fontes legais.	M	UFPR	Educação	2013

Fonte: Elaborada pelo autor.

Chama atenção neste quadro que nenhuma dessas produções apresente o significativo *avaliação* nas palavras-chave. Dos cinco trabalhos, com apenas um tendo sido desenvolvido em nível de doutorado, apenas um apresenta *avaliação* no título, mas não se referindo à avaliação da aprendizagem, ou de desempenho ou a políticas de avaliação, mas a avaliação de livros didáticos no escopo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). No entanto, pela leitura dos resumos das cinco obras, foi possível identificar que os trabalhos de Marcello Gomes de Assunção e Carlos Gustavo Costa Moreira, para além de terem sido produzidos no âmbito do mesmo programa e da mesma Universidade, foram orientados pela mesma professora e apresentavam referenciais teórico-metodológicos e propostas semelhantes, quais sejam, a perspectiva da Educação Histórica e a elaboração de parâmetros críticos para avaliação da aprendizagem histórica cujo objetivo é a formação de uma consciência histórica crítico-genética que possui capacidade libertadora-emancipadora<sup>10</sup>.

As diferenças entre esses dois trabalhos estão na temática sobre a qual propõem a elaboração de tais parâmetros críticos de avaliação da aprendizagem histórica e na empiria selecionada. Enquanto Assunção se debruça sobre a temática étnico-racial destacando a Lei 10.639/2003 e utiliza livros didáticos como recorte, Moreira volta-se para o currículo específico do 6º ano do ensino fundamental, escolhendo como empiria os Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCNs) e as Orientações Curriculares do Município do Rio de Janeiro para o ensino de História.

Assunção aposta em propostas de atividades marcadas pelo “princípio da contraposição” para obter uma “consciência histórica crítico-genética”. Segundo ele, “os LD deveriam se utilizar bem mais de textos e representações iconográficas que permitissem a utilização dos princípios da *negação* (ou *contraposição*) e *transformação* para causar o estranhamento perspectivador que contribuiria com o letramento histórico crítico-genético”<sup>11</sup>. Destaque-se que não há uma problematização específica de instrumentos avaliativos.

Moreira defende que se ensina História para que os alunos desenvolvam o pensamento histórico. De acordo com suas próprias palavras, “aprender a pensar historicamente significa *usar o conhecimento científico histórico para se orientar na vida prática*”<sup>12</sup>. Esse entendimento expresso pelo autor baseia-se na concepção de que os alunos devem ter contato com o processo científico de produção do conhecimento histórico desde a entrada da criança na escola, sendo então a relação entre a Ciência da História e a vida prática que garantiria uma consciência histórica crítico-genética.

Com efeito, a leitura das pesquisas que compõem a Tabela 1 indica que embora elas problematizem questões relacionadas à aprendizagem histórica e contenham o termo *avaliação* em seus resumos, nenhuma delas problematiza a avaliação enquanto prática pedagógica-curricular presente nos espaços escolares, que valida e legitima saberes e formas de se relacionar com esses saberes, como aqui proponho. Ademais, diante das inscrições teóricas mobilizadas, trata-se de buscar mecanismos para avaliar o grau de adesão dos estudantes aos fazeres típicos do ofício do historiador, mobilizando um entendimento de que a construção do conhecimento histórico possui um caráter didático que lhe é inerente. Essa discussão, que não cabe nos limites desse texto, diz respeito ao lugar epistemológico do Ensino de História e do conhecimento histórico escolar.

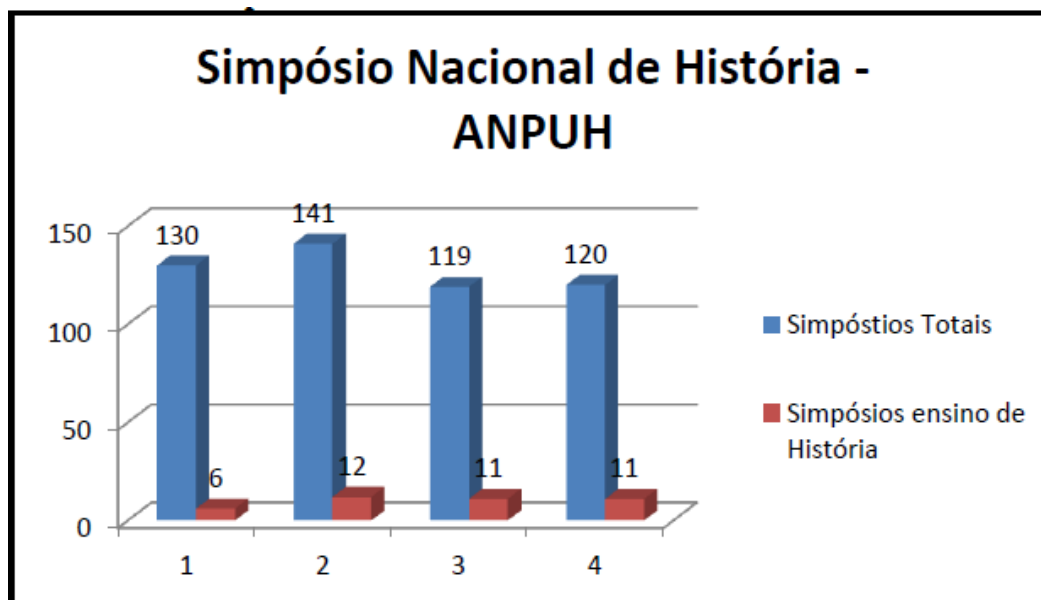
## **Anais da ANPUH**

Na edição de 2011, dos 130 STs, haviam seis relacionados, de alguma forma, às questões educacionais. Destes, dois eram específicos sobre ensino de História da África. Em 2013, o evento da ANPUH contou com 141 STs, dos quais 12 versavam sobre questões relacionadas à versão escolar do conhecimento histórico ou ao seu ensino, mantendo-se os dois específicos sobre o ensino da História da África. Na edição de 2015 do Simpósio Nacional da ANPUH, foram 119 STs, sendo 11 sobre questões educacionais e, mais uma vez,

sendo dois destes exclusivos sobre História da África. Em 2017 foram 120 os STs, sendo 11 relacionados a ensino<sup>13</sup>.

O Gráfico 1 ajuda a observar visualmente a presença de questões relacionadas ao ensino de História em termos de organização de STs.

**Gráfico 1 – Simpósios ensino de História – ANPUH anos 2010**



Fonte: elaborado pelo autor.

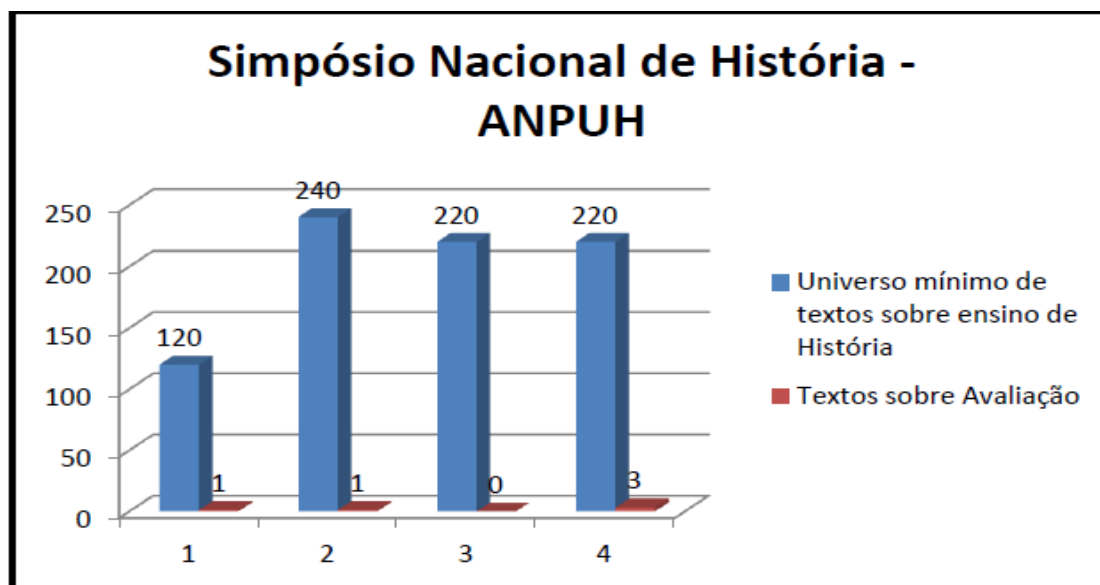
Considerando a infinidade de temas que podem ser objeto de estudos da História, a simples observação do número de simpósios temáticos sobre questões relacionadas ao ensino de História não é suficiente para afirmar que se trata de um tema que ocupa uma posição de subalternidade no principal evento acadêmico da área no país. Essa discussão também não vem ao caso, importando menos do que a constatação de que no recorte temporal escolhido, houve um aumento significativo (100%), em um primeiro momento, acompanhado de uma estabilização, posteriormente, de oportunidades de discussão sobre a dimensão escolar da História.

Como dito anteriormente, a forma como os Anais do evento são disponibilizados impede que se saiba em que ST cada texto foi apresentado, o que dificulta demasiadamente a produção de dados quantitativos confiáveis referentes aos temas discutidos em cada ST. No entanto, considerando o recorte apresentado nesse artigo, escolhi o significante *avaliação*



como critério de busca nos títulos dos textos. Tal busca permitiu a construção do Gráfico 2, que pode ser observado a seguir.

**Gráfico 2** – Textos sobre avaliação nos STs de ensino de História



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para se chegar ao número mínimo de textos sobre temáticas relativas ao ensino de História, considerei o número de STs sobre esta área de cada edição do Simpósio e o fato de que para que um simpósio temático seja confirmado no evento é necessário um mínimo de 20 trabalhos aprovados dentre os submetidos a ele. Assim, é possível, e muito provável, que o universo de textos sobre questões de ensino seja maior, pois vários STs possuem mais de 20 trabalhos apresentados, o que corrobora a pouca preocupação do Ensino de História com questões relacionadas à avaliação no âmbito escolar. No entanto, há de se considerar também, que na ANPUH é possível que um trabalho seja apresentado sem que necessariamente seu(s) autor(es) envie texto completo para publicação nos Anais do evento, o que impede que sejam considerados na produção desses gráficos.

Em 2011, o único texto apresentado sobre avaliação foi *(Re)significando a avaliação no Ensino de História*<sup>14</sup>, cujo autor reflete sobre a possibilidade de pensar a avaliação da aprendizagem na interseção entre três campos - Currículo, Avaliação e Ensino de História – tomando-a como prática curricular que articula expectativas e práticas sobre o que se quer aprendido no âmbito da disciplina escolar em questão.

Na edição seguinte, se, como visto, dobrou o número de oportunidades para apresentar trabalhos voltados para questões educacionais, o mesmo não ocorreu em relação à publicação de textos preocupados com a questão da avaliação. Apenas uma autora se referiu à avaliação. Em *A aprendizagem histórica em EJA: currículo, livro didático e avaliação* a autora faz uma discussão geral sobre o ensino de História na EJA na Bahia, a partir da perspectiva da Educação Histórica, indicando que “a avaliação da aprendizagem histórica teve suas perspectivas didáticas forjadas exteriores a própria cognição histórica, exteriores ao seu referencial epistemológico”<sup>15</sup>, e reclamando a presença das experiências dos alunos dessa modalidade nas avaliações, tendo utilizado como empiria relatórios de estágio de discentes do curso de Licenciatura Plena em História de uma universidade do interior da Bahia.

Radicalizando ao extremo as ausências observadas nas duas edições anteriores, em 2015 não houve trabalho algum sobre avaliação relacionada ao Ensino de História. Já em 2017, três artigos possuíam o termo avaliação no título, sendo que um é imediatamente descartado em função do desacordo com os critérios de seleção do panorama que aqui está sendo construído, pois trata de uma reavaliação da história do movimento republicano no império brasileiro. Os outros dois se situam no escopo do Ensino de História. Em *Ensino, aprendizagem e avaliação em História: múltiplos diálogos* o autor<sup>16</sup> amplia o leque de campos de pesquisa nos quais se deve problematizar a avaliação da aprendizagem no âmbito da História escolar. Além dos três elencados no trabalho publicado em 2011, o autor acrescenta ainda a necessidade de diálogo com os campos da Didática e da História. Trata-se de uma inscrição dos estudos sobre avaliação na interface com o ensino de História para além da perspectiva de vinculação aos métodos da ciência de referência. Bergamin<sup>17</sup> analisa as práticas avaliativas em História em duas experiências renovadoras no ensino secundário paulista na metade do século XX no texto intitulado *Ensino de História e avaliação no contexto das inovações pedagógicas do ensino secundário paulista (1957-1969)*.

Ainda que em relação ao que foi observado no Banco da Capes, os trabalhos obtidos nos Anais da ANPUH apresentem maior tentativa de pensar, de certa forma, o estatuto ontológico da avaliação da aprendizagem no ensino de História, não há como não identificar a lacuna existente no campo do Ensino de História quando o tema é avaliação das aprendizagens históricas. Ademais, dos quatro trabalhos que se dedicam a isso nos Anais da ANPUH, dois são de um mesmo autor.

## Anais do Perspectivas EH

Sendo o Perspectivas EH um evento específico para pensar questões relacionadas ao ensino de História, supõe-se haver maior probabilidade de pesquisas sobre essa prática curricular-pedagógica que atravessa todas as relações educacionais que é a avaliação, pois além de ser um espaço próprio para pensar questões educacionais, é mais abrangente que a ANPUH em relação às exigências de formação para participação nos Grupos de Reflexão Docente (GRDs), pois admite a participação de graduandos. Ademais, trata-se de um evento com maior fomento a participação de professores de História da educação básica, cujas demandas tendem a reverberar inquietações provenientes do “chão da escola”. No entanto, a expectativa por maior discussão sobre a interface aqui privilegiada também não se concretizou.

Na edição de 2012, quatro apresentações continham o significante *avaliação* no título, no entanto, apenas duas produziram textos, ou seja, das quatro apresentações, duas limitaram-se a apresentação oral no evento. Um dos textos publicados foi *Sistema de pontuação: uma nova metodologia de avaliação integrada às TIC's*. O autor<sup>18</sup> apresenta uma metodologia de construção de notas que teria o potencial de atrair maior atenção dos alunos para a aula e diminuir o desgaste dos professores na tentativa de estimular os alunos a aprender, ao deslocar o peso das “provas” para ações do dia-a-dia: “Todos os trabalhos desenvolvidos em sala de aula geram pontos para os alunos, desde a leitura de um texto, a realização de uma atividade de resolução de questões dirigidas, a exposição oral de um tema, a atenção à aula expositiva e outras tantas possibilidades de atividades”<sup>19</sup>.

O outro trabalho publicado no âmbito do Perspectivas EH 2012 que continha o termo *avaliação* no título foi *A promoção da educação histórica no ensino médio: os desafios da avaliação diagnóstica em História*. Trata-se de um relatório sobre a construção de uma avaliação diagnóstica no âmbito do PIBID/MT no qual os autores defendem-na como ponto de partida para um fazer em sala de aula que tenha como objetivo a formação de uma consciência histórica nos alunos, apresentando o referencial teórico que sustentou tal construção. Não é apresentado exemplo algum de como deve ser essa avaliação.

No Perspectivas EH 2015, houve apenas a apresentação de dois trabalhos com as características aqui buscadas, mas ambos ficaram restritos à exposição oral, não estando, portanto, disponibilizados em forma de texto para análise. Sendo assim, a construção do retrato fica ainda mais prejudicada.

O último encontro do Perspectivas EH foi realizado em 2018 na cidade de Porto Alegre e contou com 17 GRDs. Nesse evento houve um GRD que tinha na temática da avaliação um aspecto central, ainda que não se restringisse a ela. Trata-se do GRD 15 – Aprendizagem, metodologia do ensino e avaliação em temas controversos da História. Ainda que o formato de publicação dos Anais não permita identificar quantos trabalhos foram apresentados nesse GRD, 17 textos foram publicados, mas não puderam ser acionados. Desse conjunto, apenas um apresentava o significativo avaliação no título: *Uma proposta de instrumento de avaliação em história para o ensino médio: a prova objetiva e o sistema de múltiplas respostas*. Fora desse GRD foi publicado outro texto com essa característica: *VOZES SILENCIADAS: Jovens, o Ensino de História e os programas de avaliação em larga escala no Rio de Janeiro*.

Laira Pinheiro, autora do primeiro texto, apresenta como proposta “colaborar com os professores em suas atividades docentes de elaboração de instrumentos para a avaliação de aprendizagem escolar no ensino de História”<sup>20</sup>. Para isso, ela se inspira no sistema de múltiplas respostas apresentado pela Olimpíada Nacional de História do Brasil<sup>21</sup> para ressignificar provas objetivas no âmbito do ensino de História. Já a autora do segundo texto, em seu trabalho<sup>22</sup>, não intenta problematizar a avaliação em larga escala, e tampouco a avaliação da aprendizagem, mas explorar produção de sentidosfeitas por discentes a partir de seus contatos com essas avaliações externas aplicadas em larga escala.

Se em três edições desse evento destinado a pensar questões relacionadas ao ensino de História foram obtidos apenas quatro trabalhos, tem-se aqui mais uma evidência empírica do lugar de subalternidade ocupado pela temática da avaliação da aprendizagem nos estudos do Ensino de História. Ademais, nesse espaço, foi possível identificar que os trabalhos que se propuseram a pensar a partir da avaliação apresentavam como foco atrair a atenção dos estudantes, formar consciência histórica, ampliar as possibilidades de instrumentos avaliativos no âmbito da História escolar e discutir efeitos das políticas de avaliação sobre as vozes dos alunos.

## **Anais do ENPEH**

Tanto os Anais mais antigos do ENPEH como do Perspectivas EH não estão mais disponibilizados na rede. No entanto, na lista de *e-mails* do GT de Ensino de História e Educação da ANPUH o atual presidente da Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), Prof. Luis Fernando Cerri, disponibilizou um *link* do *google drive* com os Anais de

alguns desses eventos<sup>23</sup>. Em relação ao ENPEH, estão disponibilizados materiais referentes aos anais do 2º ao 7º Encontro, realizados entre 1995 e 2006, período este que foge do escopo delimitado para a presente análise.

Os eventos que abrangem a periodização aqui privilegiada foram o IX ENEPH realizado em 2011 na cidade de Florianópolis, o X realizado em 2013 no Sergipe, o XI realizado em 2017 no Rio de Janeiro e o XII realizado em Cuiabá em 2019. Destes, só foi possível acessar os Anais de 2011 (parcialmente)<sup>24</sup> e 2017. Até a finalização da escrita desse texto os Anais da 12ª edição do ENPEH ainda não haviam sido disponibilizados. Porém, diferente das experiências das edições anteriores, no Encontro realizado em Cuiabá, houve, pela primeira vez, um Grupo de Pesquisa em Diálogo (GPD) cuja temática da avaliação era privilegiada, e o título era *Ensino, aprendizagem e processos avaliativos no Ensino de História*. De acordo com os proponentes, “os processos avaliativos constituem-se como espaços-tempo privilegiados de legitimação/validação (ou não) de formas de conhecer e dar a conhecer no âmbito de uma disciplina escolar, instituindo, portanto, o que pode ou não ser considerado verdadeiro.”<sup>25</sup>

Considerando todas essas questões, não foi possível identificar no evento de 2011 trabalho algum sobre avaliação. No evento de 2017, embora o significativo *avaliação* também não seja identificado em título de trabalho algum apresentado, há dois trabalhos que apresentam o significativo *exame* no título na perspectiva de prática avaliativa: *Um livro didático de História do Brasil para os exames de admissão: debates sobre o ensino de História nas décadas de 1950/60*, de Paulo Raphael Siqueira Bitencourt, e *Memórias sobre o ensino de história no período dos “Exames de Admissão ao Ginásio” (Décadas de 1960-1970)*, de Elaine Prochnow Pires. Apesar de ter acesso aos títulos, os autores não enviaram os respectivos textos completos para publicação, impedindo assim que se analise as perspectivas sobre avaliação.

Fazendo, no entanto, um exercício teórico a partir dos títulos, é possível inferir que os exames emergem nessas pesquisas mais como recorte temporal de uma política pública para, a partir dela, pensar questões relacionadas ao ensino de História (no primeiro caso um material didático, e no outro memórias), do que como objetos a serem analisados a partir de uma preocupação com o que se avalia no âmbito da História escolar. Sendo verossímil ou não esse exercício, fato é que a busca nesse canal de publicações ratifica o estado de ausência consistente de discussões sobre avaliação da aprendizagem no campo do Ensino de História.

## Considerações Finais

Mais do que para buscar razões para o sistemático silêncio do campo do Ensino de História sobre discussões metodológicas e epistemológicas sobre avaliação da aprendizagem no ensino de História, esse texto pode servir como um convite para que o campo assuma como desafio pensar sobre esse elemento incontornável das práticas escolares e que possui elevado potencial de influenciar *o que e como* se aprende História na educação básica. Ou seja, pensar aprendizagens históricas em sua relação com processos avaliativos significa pesquisar em/sobre Currículo de História em perspectiva ampla, seja como percurso previsto, seja como trajetória percorrida.

Os poucos trabalhos identificados apresentam demandas que, não necessariamente, interpelam as especificidades de se avaliar em História, mas dialogam com questões relacionadas a efeitos das avaliações, sejam da aprendizagem ou de desempenho, como práticas pedagógicas e/ou como políticas educacionais. Como práticas pedagógicas preocupa-se com questões como gerenciamento da turma, relação docente-discente, relação discente-conhecimento. Como políticas educacionais preocupa-se com fluxo escolar, seleção do conhecimento, processos de subjetivação docente e discente.

Para além da inegável relevância desses aspectos, a proposta desse texto é provocar a pensar essas questões tendo como referência as especificidades epistemológicas da História ensinada. Nesse sentido, a discussão sobre o lugar de pensar as práticas de ensino-aprendizagem-avaliação, se na ciência de referência ou no “lugar de fronteira” entre esta e as ciências da Educação, parece um caminho promissor para fazer avançar os estudos na interface avaliação/ensino de História.

A perpetuação do “silêncio” aqui demonstrado tende a induzir a reprodução de práticas avaliativas no âmbito da História escolar que contribuam para a reafirmação da “decoreba”, e de seus nefastos efeitos sobre os processos de aprendizagem histórica, como elemento constitutivo de seu código disciplinar<sup>26</sup>. Dito de outra forma, deixar de falar sobre avaliação no ensino de História implica referendar práticas cuja ineficiência já vem sendo há muito tempo explicitadas.

Emerge, portanto, como desafio para o Ensino de História pensar o que é relevante na aprendizagem histórica que mereça estar numa avaliação. Essa questão gera desdobramentos que articulam aspectos relacionados a epistemologia do conhecimento histórico escolar, sentidos de aprendizagem, elementos da cultura escolar e currículo de História. Se a avaliação da aprendizagem, para além das críticas que lhes são feitas historicamente, permanece como

elemento incontornável nos processos de escolarização mundo a fora, que novos sentidos lhe sejam empregados de forma a criar uma linguagem de possibilidades para efetivas aprendizagens por meio dessa prática didático-pedagógica-curricular.

## Notas

<sup>1</sup>VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 50, mai./ago., 2012, p. 269.

<sup>2</sup>VEIGA-NETO, Op. Citi. 2012, p. 272.

<sup>3</sup>VEIGA-NETO, Op. Citi. 2012, p. 269.

<sup>4</sup>COSTA, Hugo Heleno Camilo; LOPES, Alice Casimiro. A comunidade disciplinar em Goodson: impasses em um registro pós-estrutural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 67, out.-dez., 2016.

<sup>5</sup>FERNANDES, Domingos. *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 21.

<sup>6</sup>A utilização de letras maiúsculas corresponde a um recurso gráfico utilizado para situar os significantes marcados dessa forma como campos de pesquisa. Quando escritos em letras minúsculas, os termos deixam de se referir a campos de pesquisa e passam a fazer referência a objetos e/ou práticas pedagógicas transformados em objetos de pesquisa.

<sup>7</sup> Optei por colocar todas as produções em âmbito do mestrado profissional em História como sendo do programa Ensino de História.

<sup>8</sup> Pesquisa realizada em 25 nov. 2019.

<sup>9</sup> De acordo com Moreira (2016, p. 144), “essa nova vertente de pesquisa da área das ciências humanas e sociais ficou conhecida como Didática da História (Alemanha), *History Education* (Reino Unido), Educação Histórica (Portugal e Brasil), entre outras denominações de acordo com a geografia e o idioma”.

<sup>10</sup>MOREIRA, Carlos Gustavo Costa. *Sobre a aprendizagem dos regimes de sentido do tempo histórico escolarizado: parâmetros críticos para estudo curricular sobre ensino de História para o 6º ano do Ensino Fundamental*. 2016. 212f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016, p. 7.

<sup>11</sup>AssunçãoMarcello Gomes de. *Parâmetros para produção e avaliação de livro didático de História – aprendizagem histórica e a lei 10.639/2003*. 2016. 149f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016, 128, grifos do autor)

<sup>12</sup>MOREIRA, Op. Citi. 2016, p. 143.

<sup>13</sup> Até a finalização desse texto os Anais referentes à edição de 2019 ainda não haviam sido publicados.

<sup>14</sup>MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. (Re)Significando a Avaliação no Ensino de História. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo.

<sup>15</sup>MARQUES, Edicarla dos Santos. A Aprendizagem Histórica em EJA: currículo, livro didático e avaliação. *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, UFRN, 2013, p. 11.

<sup>16</sup>MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. Ensino, aprendizagem e avaliação em História: múltiplos diálogos. *Anais eletrônicos do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília, UnB, 2017.

<sup>17</sup>BERGAMIN, Fábíola Matte. Ensino de História e avaliação no contexto das inovações pedagógicas do ensino secundário paulista (1957-1969). *Anais eletrônicos do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília, UnB, 2017.

<sup>18</sup>FERIANI, E. Sistema de Pontuação: uma nova metodologia de avaliação integrada às tic's. In: *Anais do VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História*III Encontro Internacional de Ensino de História, Campinas/SP, 2012.

<sup>19</sup> FERIANI, Op. Citi, 2012, p. 5.

<sup>20</sup>PINHEIRO, Laira de Azevedo. Uma proposta de instrumento de avaliação em história para o ensino médio: a prova objetiva e o sistema de múltiplas respostas. *Anais do X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e XXIII Jornada de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre, 2018, p. 1291.

<sup>21</sup> Para saber mais, visite <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/>

<sup>22</sup>MOTTA, Maryangela Mattos da. VOZES SILENCIADAS: Jovens, o Ensino de História e os programas de avaliação em larga escala no Rio de Janeiro. *Anais do X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e XXIII Jornada de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre, 2018.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1UepuW0EWZUWW-q2fDaWR0pryviHQafx7>. Último acesso em 26 nov. 2019.

<sup>24</sup> Como pode ser observado em [https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/847825/mod\\_resource/content/1/ANAIS%20DO%20IX%20ENPEH.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/847825/mod_resource/content/1/ANAIS%20DO%20IX%20ENPEH.pdf) (último acesso em 26 nov. 2019), apenas os trabalhos apresentados no âmbito do GT 11 – Ensino de História nas séries iniciais podem ter seus títulos acessados, embora os textos também não o possam ser.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://xiiienpeh2019.com.br/inscricoes/grupos-de-pesquisa-em-discussao-gpds/gpd-6/>. Último acesso em 26 nov. 2019.

<sup>26</sup>CUESTA FERNÁNDEZ, Raimundo. *Sociogénesis de una disciplina escolar: la historia*. Pomares-Corredor, Barcelona, 2009.

## Referências

ASSUNÇÃO, Marcello Gomes de. *Parâmetros para produção e avaliação de livro didático de História – aprendizagem histórica e a lei 10.639/2003*. 2016. 149f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

BERGAMIN, Fabíola Matte. Ensino de História e avaliação no contexto das inovações pedagógicas do ensino secundário paulista (1957-1969). *Anais eletrônicos do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília, UnB, 2017.

COSTA, Hugo Heleno Camilo; LOPES, Alice Casimiro. A comunidade disciplinar em Goodson: impasses em um registro pós-estrutural. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 67, out.-dez., 2016.

CUESTA FERNÁNDEZ, Raimundo. *Sociogénesis de una disciplina escolar: la historia*. Pomares-Corredor, Barcelona, 2009.

FERIANI, E. Sistema de Pontuação: uma nova metodologia de avaliação integrada às tic's. In: *Anais do VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História III Encontro Internacional de Ensino de História*, Campinas/SP, 2012.

FERNANDES, Domingos. *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MARQUES, Edicarla dos Santos. A Aprendizagem Histórica em EJA: currículo, livro didático e avaliação. *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, UFRN, 2013. MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. Ensino, aprendizagem e avaliação em História: múltiplos diálogos. *Anais eletrônicos do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília, UnB, 2017.

MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. (Re)Significando a Avaliação no Ensino de História. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH- Associação Nacional de História*, São Paulo: ANPUH-SP, 2011.



---

MONTEIRO, Ana Maria; PENNA, Fernando de Araujo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011.

MOREIRA, Carlos Gustavo Costa. *Sobre a aprendizagem dos regimes de sentido do tempo histórico escolarizado: parâmetros críticos para estudo curricular sobre ensino de História para o 6º ano do Ensino Fundamental*. 2016. 212f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

MOTTA, Maryangela Mattos da. VOZES SILENCIADAS: Jovens, o Ensino de História e os programas de avaliação em larga escala no Rio de Janeiro. *Anais do X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e XXIII Jornada de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre, 2018.

PINHEIRO, Laira de Azevedo. Uma proposta de instrumento de avaliação em história para o ensino médio: a prova objetiva e o sistema de múltiplas respostas. *Anais do X Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e XXIII Jornada de Ensino de História e Educação*. Porto Alegre, 2018.

RIBEIRO, Renilson Rosa; BOVO, Cláudia Regina. A promoção da educação histórica no ensino médio: os desafios da avaliação diagnóstica em História. In: *Anais do VII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História/ III Encontro Internacional de Ensino de História*, Campinas/SP, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 50, mai./ago., 2012.